



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
Nº. 02 – Ano I – 10/2012  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **A transdisciplinaridade em pesquisa: relato de um percurso metodológico errático em uma dissertação de mestrado em Psicologia**

Mateus Pranzetti Paul Gruda  
Doutorando em Psicologia pela UNESP – Assis/SP  
Bolsista FAPESP  
E-mail: [mateusbeatle@yahoo.com.br](mailto:mateusbeatle@yahoo.com.br)

**Resumo:** neste artigo discutimos e refletimos um pouco acerca dos trabalhos acadêmicos que lancem mão da transdisciplinaridade –, sendo esta expressa pelo uso de referências teórico de disciplinas distintas, – para se realizarem. O que, aos olhos do mundo contemporâneo, se torna algo plausível e possível, ainda que, por vezes, rechaçado por uma mentalidade conservadora e tradicional existente na academia, a qual somente compreende o conhecimento na forma segmentada e estanque das disciplinas e das áreas específicas. Como exemplo, discorreremos sobre a nossa dissertação de mestrado em Psicologia, que se valeu do entrecruzar entre referenciais teórico-metodológicos de disciplinas distintas.

**Palavras-chave:** transdisciplinaridade; psicologia social; discurso; linguagem; contemporaneidade.

### **Considerações iniciais**

Harvey (1992) faz uma análise do tempo contemporâneo, chamado por ele de Pós-moderno, como um período composto por um desdobramento radical de características da modernidade – total aceitação do efêmero, do fragmentário, do

descontínuo e do caótico; exacerbação da velocidade; dentre outras. O autor ainda assinala que, a pós-modernidade fortalece aspectos opostos àqueles que se fincaram na cultura moderna, tais como: a anarquia; a dispersão; a intertextualidade; a combinação; a indeterminação; entre outros.

A partir destas pontuações, não pretendemos sugerir que haja no contemporâneo a total substituição e descarte daquilo que está relacionado à Modernidade, ao contrário disto, no mundo Pós-moderno há a incorporação e mistura dos elementos de ambos os tempos. Inclusive, se faz importante a ressalva de Hassan (1985) de que tais oposições formuladas entre modernismo e pós-modernismo sejam seguras e inequívocas. Em outros termos, estas serviriam somente para nos guiar quando refletimos acerca da contemporaneidade.

Posto isto, gostaríamos de pensar um pouco, nas páginas que se seguem, acerca do fazer acadêmico na atualidade, sobretudo no que diz respeito aos aparatos teórico-metodológicos. Pois, ao fazermos uma breve e aleatória busca em anais de congressos, artigos publicados em revistas científicas, dissertações e teses defendidas, podemos notar que boa parte dos estudos, se não a imensa maioria, é recortada principalmente e por apenas um referencial teórico-metodológico específico, o qual, preferencialmente, está ancorado nos cânones tradicionais da área/disciplina em que se insere(m) o(s) pesquisador(es). Embora, como dito anteriormente, o contexto atual sugira a possibilidade “da intertextualidade, da combinação e da indeterminação”.

Todavia, estes “especificismos” encontrados na maioria das pesquisas não nos espantam, uma vez que o saber científico-acadêmico se pauta, especialmente, pelo rigor na busca de resultados estritamente **precisos e objetivos**. Assim, é impingido aos pesquisadores que, para tal intento, um estudo só será sério, pertinente, respeitável e, acima de tudo, aceitável pela comunidade acadêmica, se seguir uma **metodologia exata e específica** – e, acresceríamos também, **cerrada**.

Assim, trabalhos que se proponham a mergulhar em diversos campos de saber, utilizando-se ora de instrumentos metodológicos e conceituais taxados como exclusivos de uma área, ora de instrumentos metodológicos e conceituais taxados como exclusivos de outra área, fatalmente terão dificuldades em serem aceitos, bem como estarão sujeitos a muito mais questionamentos do que os chamados “estudos convencionais, clássicos e/ou tradicionais”.

## 1. Transdisciplinaridade

Ao falarmos da utilização por um único trabalho de pesquisa de instrumentos e referenciais metodológicos de diversas disciplinas e áreas, estamos, inevitavelmente, fazendo referência à transdisciplinaridade, à interdisciplinaridade e à pluridisciplinaridade.

O físico teórico Nicolescu (1999) diz, em seu texto “O Manifesto da Transdisciplinaridade”, que a linguagem disciplinar ergue barreiras que impossibilitam e inviabilizam diálogos entre os saberes das diversas áreas do conhecimento. O autor atribui a este obstáculo o epíteto de “Torre de Babel”, afirmando, em seguida, que tal processo de “Babelização” nos torna cada vez mais incompetentes. Pois, ainda segundo Nicolescu, a soma de competências não resulta em uma **competência maior**, ao contrário disso, a somatória daquelas acaba gerando uma **incompetência generalizada**, uma vez que “[...] no plano técnico, a [mera] intersecção entre os diferentes campos do saber é um conjunto vazio.” (NICOLESCU, 1999, p. 21). Em outros termos, o autor primeiro crítica que o conhecimento seja separado pelas disciplinas, e, ao mesmo tempo, questiona que este (o conhecimento) seja unido mecanicamente, ao seguir pura e simplesmente a própria lógica compartimentalizada das mesmas (disciplinas). Aprofundando em cada um dos termos elencados em nosso primeiro parágrafo desta seção (transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade), veremos que em alguns deles esta transposição artificial ocorre plenamente, enquanto noutros nem tanto.

Nicolescu (1999) diz que a necessidade de se criar laços entre as disciplinas surgiu na metade do século XX, com o surgimento da **transdisciplinaridade** e da **pluridisciplinaridade**. Segundo esta última, um objeto é pesquisado por meio de diversas disciplinas concomitantemente. O autor nos dá como um exemplo desta prática, o ato de estudar a filosofia marxista pelos vieses da filosofia, da física, da economia, da psicanálise, etc. “Com isso, o objeto sairá assim enriquecido pelo cruzamento de várias disciplinas. [E] O conhecimento do objeto em sua própria disciplina é aprofundado por uma fecunda contribuição pluridisciplinar.” (NICOLESCU, 1999, p. 21).

Entretanto, tudo que for incorporado estará somente a serviço da disciplina primeira relacionado ao objeto (no caso do exemplo, a filosofia marxista). “Em outras palavras, a pesquisa pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar.” (NICOLESCU, 1999, p. 22). Além disso, o autor pontua que a **interdisciplinaridade** se aproxima muito da **pluridisciplinaridade**, uma vez que, ao pretender transpor métodos de uma disciplina para a outra, “[...] a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, **mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar.**” (NICOLESCU, 1999, p. 22, grifos do autor).

Já a transdisciplinaridade detém uma forma diferente de relacionar o objeto de estudo às disciplinas. Um primeiro indício disto reside em seu prefixo **trans**, o qual faz o termo **transdisciplinar** apontar para aquilo que está **entre** as disciplinas, **através** das diferentes disciplinas e **além** de qualquer disciplina. Portanto, de uma forma geral, podemos dizer que a transdisciplinaridade tem por meta: “[...] a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.” (NICOLESCU, 1999, p. 23).

Para um pensamento clássico e tradicional a transdisciplinaridade, deste modo, é um equívoco, já que, segundo tal modelo, não existe **nada** entre as diferentes disciplinas. Além disso, nesta perspectiva, a pertinência de um campo disciplinar é inesgotável, pois, colocando em outras palavras, cada disciplina seria capaz de sozinha, e dentro de seu próprio campo teórico, explicar, compreender e conceituar os fenômenos. Não necessitando, assim, recorrer a outros saberes que pudessem auxiliá-la na construção dos conhecimentos.

Dessa forma, os contrapontos primordiais entre pesquisas de cunho disciplinar e as de cunho transdisciplinar se relacionam aos fatos de que, enquanto as primeiras dizem respeito, somente, a uma única dimensão da realidade, as segundas se interessam: “[...] pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo.” (NICOLESCU, 1999, p. 23). E, além disso, enquanto a pesquisa disciplinar se encerra em si mesma, através de seus referências e instrumentos teórico-metodológicos específicos, a pesquisa transdisciplinar visa conhecer se valendo de tudo aquilo que possa lhe assistir em tal empreitada.

Seguindo o raciocínio desenvolvido em nossas “considerações iniciais”, podemos inferir que a transdisciplinaridade expressa e se coaduna às configurações

do contemporâneo. O que, vale frisarmos, de maneira alguma a credencia como melhor ou pior do que a pesquisa disciplinar. Do nosso ponto de vista, isto apenas sugere que, por vivermos em um tempo onde há a uma tendência a flexibilidade, a transposição das fronteiras e a mutabilidade (HARVEY, 1992), as pesquisas que se permitem o uso de aparatos teórico-metodológicos para além da sua disciplina de partida, não apenas são pertinentes, como deveriam ser recepcionadas sem tanta resistência e desqualificação por parte da comunidade científico-acadêmica.

## 2. Um relato de um percurso metodológico errático

Feita toda esta exposição, pedimos licença ao leitor, pois, a partir daqui seremos um tanto quanto autorreferentes. Nas páginas que se seguirão, procuraremos descrever como se constituiu o percurso metodológico – para o qual atribuímos o aposto **errático** –, ao longo da confecção de nossa dissertação de mestrado: “O discurso do humor politicamente incorreto e do escracho em *South Park*” (GRUDA, 2011). Trataremos de nosso caso específico, primeiro por conhecermos o que fizemos, mas, sobretudo, por de alguma forma termos realizado um trabalho permeado por características inerentes àquilo que denominamos anteriormente como **pesquisa transdisciplinar**.

Antes de nos aprofundarmos pelos meandros da transdisciplinaridade presente em nosso trabalho de mestrado, justificaremos o porquê da utilização do adjetivo errático para se referir à metodologia que utilizamos/desenvolvemos durante a pesquisa. Recorrendo a um dicionário da língua portuguesa temos que errático, dentre outros significados, refere-se *àquilo que não é fixo* (MICHAELIS, 2000). Como se verá a seguir, nosso referencial metodológico acabou não sendo completamente rígido (fixo), tanto em termos da disciplina/área do conhecimento em que estamos inscritos, a Psicologia, quanto ao referencial teórico-metodológico que adotamos, a Análise do Discurso, o qual está vinculado ao campo de conhecimento da Linguística.

Neste aspecto, a única solidez que podemos apontar em nosso trabalho, diz respeito à sua inserção no grande campo das chamadas ciências humanas. Em outros termos, do ponto de vista metodológico, nossa dissertação buscou se utilizar de instrumentos conceituais de mais de um campo de saber, encarando-os

(instrumentos conceituais e os distintos campos de saber) como: pertinentes ao nosso intento; possíveis de se entrecruzar; e, principalmente, pelo “simples” fato (não tão singelo assim, por isso as aspas) de estarem relacionados a fenômenos humanos. Saíamos, então, das afirmações abstratas e explanemos um pouco mais concretamente do que se tratou nossa pesquisa, para que assim o nosso leitor possa compreender as conexões pretendidas entre o que colocamos até aqui.

Em linhas gerais, estudamos o discurso do humor politicamente incorreto vinculado pelo desenho animado South Park. Para tal, nos aprofundamos, maiormente, em dois fenômenos humanos: a linguagem e o humor. Vejamos, de uma forma mais formal – e, talvez, mais usual para a academia –, como se desenrolaram nossos raciocínios acerca destas duas dimensões.

### **3. Discurso: linguagem em funcionamento**

Linguagem e cultura são constituintes básicos do homem e do seu mundo (BAKHTIN, 1992; BENVENISTE, 1989; BLIKSTEIN, 1995; SAUSSURE, 2000). O processo de hominização é indissociável da linguagem, quer o tomemos no seu desenrolar filio ou ontogenético. Ao produzir linguagem, o homem é capaz de se desprender da imediaticidade das determinações que recaem sobre ele e operar, não mais com reações automáticas, mas com condutas mediadas pelo sentido das coisas que o afetam. Assim, quanto mais desenvolvida for a linguagem, significar, interpretar, atribuir sentido, representar, comunicar, compartilhar significação e leituras de si e do mundo são mais fecundos.

O homem é o ser falante por excelência, significando isso que ele se constitui na e pela linguagem como enfatizaram muitos autores em campos diferentes da ciência, como o da antropologia, da lingüística, da filosofia, da sociologia e da própria psicologia.

No “cipoal” das teorias da linguagem, como se refere Blikstein (1995) ao emaranhado de correntes teóricas e estudos que a tomaram como objeto principal, rumaremos, nesta pesquisa, por uma corrente de estudos que entende a linguagem não apenas como constituinte fundamental do homem e do seu mundo, mas também como produção social, de cultura e de subjetividade. Nesta perspectiva, a linguagem deixa de ser vista tão somente como instrumento de comunicação, em

sua função expressiva, ou como instrumento de representação pelo qual o homem substitui vantajosamente o tateio direto dos objetos do mundo por um signo capaz de intermediar sua relação com a natureza e com outros homens. Passa a ser vista, também, como produtora de realidade, produtora de relações sociais e produtora do sujeito.

Quando pensamos a linguagem humana como instrumento de comunicação, de interação e produção social esta está estruturada em forma de discurso (BRANDÃO, 1995), podendo se apresentar de forma verbal ou não verbal. O discurso pode se manifestar de várias maneiras pretendendo comunicar inúmeros sentidos e significações conforme o contexto em que se insere, segundo as condições nas quais é produzido e, sobretudo, conforme a ideologia à qual se vincula.

Uma forma de se tentar compreender os sentidos do discurso, sejam aqueles produzidos e contidos implicitamente na linguagem ou aqueles dados explicitamente em sua superfície, é pela *Análise do Discurso*. Segundo Orlandi (1999, p. 15) “[...] o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [...]”; – portanto, a análise discursiva é feita se debruçando sobre os efeitos e sentidos produzidos pelos artifícios da linguagem utilizados na construção do texto (material tomado para análise) e pelas suas relações com a exterioridade que o “emoldura”, ou seja, o contexto em que está inserido e que é também tomado como produtor de sentido. Além do que:

Para a análise de discursos, todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de “vozes” ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado (PINTO, 2002, p. 31).

Linguagem em funcionamento é a linguagem praticada, em circulação, veiculada por instituições como a mídia, a educação, a ciência, a religião, a arte ou por práticas conversacionais diversas espalhadas pelo cotidiano.

O fundamental neste entendimento da linguagem é que:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de

constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 1999, p. 21).

Assim, o discurso nos foi pensado como construído coletivamente. Portanto, a nossa Análise do Discurso levou em conta não **o discurso** de um sujeito isolado, imutável, mas sim **um tipo de discurso** que tem suas significações de ordem coletiva, “[...] o signo, que é social por natureza [...]”, lembrando Saussure (2000, p. 25) em seu *Curso de Lingüística Geral*. Isto não significa, *a priori*, dar uma supra-importância ao processo sócio-histórico em si, embora haja uma consideração especial pelo que é descrito por Maingueneau (1997) como os conflitos históricos, sociais, entre outros, que se cristalizam nos discursos.

Além disso, “[...] somente a língua torna possível a sociedade.” (BENVENISTE, 1989, p. 63); logo, os sentidos propagados pela e na linguagem são concebidos e construídos socialmente. Contudo, há dúvidas quanto às significações pré-concebidas e naturalmente aceitas. O filme “Enigma de Kasper Hauser” (1974), de Herzog, e o livro de Blikstein que analisa esta obra nos levam a várias indagações quanto à representação do que é real pela linguagem. Blikstein escreve

Conhecer o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kasper Hauser. Talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com o que recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade (BLIKSTEIN, 1994, p. 17).

O discurso é uma forma articulada e estruturada da linguagem, pelo qual há a constituição dos sujeitos e da produção dos sentidos (ORLANDI, 1999). Contudo, na sua construção social, o discurso é impregnado pelas ideologias.

Assim, um de nossos pressupostos foi o de que há discursos articulados a grandes enunciados ou máximos sociais amplamente reconhecidos, compartilhados e instalados no corpo social. Tal instalação e enraizamento se dão pela repetição, muitas vezes exaustiva, transfigurados em diferentes textos e por matrizes psicológicas que desde um solo cognitivo ou emocional-afetivo constituem um território subjetivo e reforçam seu sentido de veracidade.

Outro pressuposto foi o de que a linguagem é, enquanto produção social, parte das relações de poder e se presta como instrumento de dominação, controlada

pelas forças hegemônicas. Foucault (1987) destaca com bastante veemência o efeito homogeneizador que os agenciamentos de enunciação, articulados com poderes constituídos, produzem ao alinhar, por classificação ou domesticação, discursos dispersos e heterogêneos. Barthes (1988, p. 13), de maneira bastante radical, denunciou o efeito dominador da linguagem ao afirmar categoricamente que “toda a linguagem é fascista”, não exatamente por interditar, mas por “obrigar a dizer” dentro do convencionalismo e de uma dada gramática da língua. Mas ele próprio, no mesmo texto, também reconhece que não há como viver fora da língua e que a alternativa possível para o sujeito é trapacear com ela, tal como faz a literatura e a poesia.

#### **4. Discurso do humor**

Na nossa pesquisa, o discurso do humor politicamente incorreto e do escracho produzido e difundido pelo desenho animado estadunidense *South Park* foi compreendido como possibilidade de “trapacear com a língua” e como forma ou tipo de discurso que possibilita uma produção de sentido contra-hegemônica ou diferenciada dos discursos dominantes. O humor foi tomado por nós como um discurso à deriva, caracterizado pela busca de inversão e a deformação do que é sério e/ou é instituído.

Por fim, a premissa que consideramos mais relevante ao nosso trabalho é a de que o discurso do humor politicamente incorreto pode ser considerado como constituinte da subjetividade atual, ao adentrar na seara daquilo que não se poderia dizer abertamente. Julgamos, ainda, que ele é um possibilitador à reflexão não apenas dos discursos sérios e oficiais, mas também dos contra discursos, pois escrachando ambos, ao seu modo mordaz, convida o leitor, telespectador ou ouvinte a encará-los (os discursos hegemônicos e os contra-hegemônicos), como falíveis e questionáveis, ao invés de acreditar que tais discursos são detentores de verdades absolutas, rígidas e providas de completa certeza.

## 5. Cruzamentos teórico-metodológicos

O pesquisador que se guia pelo referencial da Análise do Discurso é responsável pela formulação do problema que desencadeará sua análise já quando escolhe o “tipo” de discurso (o *corpus*) que estudará (ORLANDI, 1999). Como em Análise do Discurso o objeto teórico é o **discurso**, o objeto a ser analisado é o **texto**, sendo que este não necessariamente estará disposto na forma escrita, podendo ser “[...] uma palavra, um sintagma, um conjunto de frases (escrito ou oral), o que importa é que funciona como unidade de significação em relação à situação.” (ORLANDI, 2001, p. 22). A delimitação do *corpus*, ao contrário de outros referenciais que se guiam por pressupostos empíricos e positivistas, segue critérios teóricos da Análise do Discurso.

Assim, a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas; decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca das propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos de análise, e que permitam chegar a sua compreensão. **Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa à demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos** (ORLANDI, 1999, p. 63, grifos nossos).

Uma característica singular da Análise do Discurso é a de que “[...] cada material exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria [...]” (ORLANDI, 1999, p. 27). Em outros termos, embora o dispositivo teórico e os conceitos a disposição do pesquisador sejam os mesmos, o dispositivo analítico será particular para cada investigação, pois aquele (dispositivo analítico) estará moldado partindo da “[...] questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise.” (ORLANDI, 1999, p. 27).

Como explicitamos anteriormente, nosso material de pesquisa foi o discurso do humor politicamente incorreto propagado por um desenho animado e a nossa análise visou compreender que, quando o texto de *South Park* (episódios compostos por narrativas, diálogos e imagens) inverte os discursos hegemônicos pela via do humor, este possibilitaria reflexões acerca destes. Atentando, também, para o fato

de que tanto os discursos contra-hegemônicos, quanto os discursos hegemônicos, são falíveis, não sendo estritamente corretos e/ou verdadeiros.

Além disso, a análise é guiada tanto pelos princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso, como a partir do campo de conhecimento ao qual o pesquisador está vinculado. Isto significa que a Análise do Discurso não é um referencial de uso exclusivo do campo da Linguística, podendo também ser utilizado em outras áreas das ciências humanas, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia.

Os resultados encontrados serão fruto do trabalho de análise e leitura do *corpus* (texto), estando assim “[...] disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu.” (ORLANDI, 1999, p. 28). Em nosso caso, os referenciais teórico-metodológicos estiveram vinculados, sobretudo, à Psicologia Social, uma vez que mobilizamos concepções acerca da linguagem enquanto produtora do social, da cultura e de subjetividade.

### **Considerações finais**

Imaginamos que, a partir destas explanações, é possível depreender que, logo de saída, o referencial teórico que adotamos em nossa pesquisa favorece, e muito, o fazer transdisciplinar. Já que, convida o pesquisador a entrelaçar os conceitos formulados por este (referencial teórico da Análise do Discurso) aos conceitos da área ou disciplina em que o estudioso pertence. Além disso, se faz presente, até mesmo, a possibilidade do uso de ideias, instrumentos e referenciais metodológicos de quaisquer outras disciplinas que contribuam para a análise e para a construção do trabalho.

Em nosso caso, embora se tratem dos principais pilares ao desenvolvimento do trabalho, transpassamos os limites que nos engessariam em uma pesquisa voltada somente à Psicologia ou à Análise do Discurso, uma vez que, além de utilizarmos conceitos e instrumentos teórico-metodológicos de ambas as disciplinas, nos permitimos estudar história (dedicamos grande parte da dissertação a uma reconstrução de um percurso histórico acerca da história ocidental do discurso humorístico) e comunicação (não só pelo fato de nos valermos de um *corpus*

proveniente dos meios de comunicação, mas por nos embrenharmos nos meandros de como tal prática – a comunicação – também se constrói), o que, em síntese, indica que, ao longo de nossa pesquisa, nos valem de todo ou qualquer conceito das mais diversas disciplinas, que pudesse contribuir na construção da pesquisa.

Vale dizer e reforçar, uma vez mais, que não consideramos esta nossa prática melhor do que qualquer outra. Apenas indicamos que este fazer acadêmico transdisciplinar e errático não só é possível, como se coaduna com uma perspectiva da contemporaneidade. Assim sendo, este modo de pesquisar também pode (e deve) ser levado em igual consideração, enquanto sério, pertinente, respeitável e aceitável pela comunidade acadêmica.

**Abstract:** in this article we discuss and reflect a little about academic works which resort to the transdisciplinarity -, being this expresses for the use of theoretical references by different disciplines, - for perform themselves. What is, in contemporary world's eyes, something that becomes itself plausible and possible, though, sometimes, rejected by a conservative and traditional mentality that exists on the academic, which only understands knowledge on a segmented and tight form of the disciplines and specifics areas. As an example, we talk about our dissertation of master in Psychology, which was worth the intercrossing of distinct disciplines theoretical and methodological

**Key-words:** transdisciplinarity; social psychology; discourse; language; contemporaneity.

## Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundametais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O Contexto de François Rabelais. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da UnB, 1996.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1988.

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. 4. ed. São Paulo: Cutrix, 1995.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GRUDA, M. P. P. **O discurso do humor politicamente incorreto e do escracho em South Park**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HASSAN, I. The culture of postmodernism. **Theory, Culture and Society**, London, v. 2, n. 3, p. 119-132, nov. 1985.

MICHAELIS. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Linguagem e Método: Uma questão da Análise de Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 15-28.

PINTO, M. J. **Comunicação & Discurso**: Introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.

SOKAL, A.; BRICMONT, J. **Imposturas Intelectuais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOUTH Park. Criação de Matt Stone e Trey Parker. New York: Comedy Central, 1997-2010. Episódios disponíveis, em inglês, no próprio sítio oficial do desenho animado: <<http://www.southparkstudios.com/episodes/>>. Acesso em: 13 set. 2012.